

DISCÍPULA NÃO MAIS: A CIÊNCIA E A NOVA MULHER EM *LETTERS FROM YELLOWSTONE*, DE DIANE SMITH

Rafaela Kelsen Dias*

Nícea Helena de Almeida Nogueira**

RESUMO: Este estudo investiga as relações entre o conceito de Nova Mulher e o ideal de ciência presentes no romance *Letters from Yellowstone* (Cartas de Yellowstone), de Diane Smith. Destacando o caráter revisionista da obra, busca-se apresentar como as distintas perspectivas sociais do enredo influenciam a visão que a protagonista forma de si e da condição das mulheres no mundo científico.

Palavras-chave: Nova Mulher. Metaficção historiográfica. Gênero. Ciência.

Introdução

Nas últimas décadas, os Estudos Literários têm se deparado com uma profusão de obras voltadas à representação de questões próprias das chamadas minorias sociais. Dentre esses escritos, destacam-se as obras voltadas ao debate de gênero e, particularmente, ao lugar das mulheres na sociedade. Ao analisar esses esforços literários e também políticos, nota-se a recorrente referência a episódios e conceitos passados que muito dizem sobre as configurações da desigualdade sexual no presente.

Em outros termos, pode-se identificar um verdadeiro anseio revisionista nesses escritos que se ancoram nas margens e, em particular, na experiência das mulheres. Esse movimento foi muito bem diagnosticado por Catherine Lappas, segundo a qual "para resgatar o seu lugar na linguagem", a mulher-escritora "deve jogar com a tradição que a excluiu, com o propósito de revelar, por meio de uma lúdica repetição, o seu lugar tanto dentro quanto fora da tradição" (LAPPAS, 1995, p. 12, tradução minha)ⁱ.

Nesse grupo de produções literárias, acreditamos estar incluso o romance epistolar *Letters from Yellowstone* (Cartas de Yellowstone) (1999), de Diane Smith – obra protagonizada por uma mulher cientista em fins do século XIX. Reconhecendo a relevância do trabalho produzido por Smith e ressaltando as inúmeras possibilidades de leitura do seu trabalho no âmbito dos estudos de gênero, apontamos como objetivo central deste artigo: analisar o entrelaçamento entre o ideal de trabalho científico e o conceito de Nova Mulher no romance em questão.

Com esse intuito, apresentamos, a seguir, uma breve contextualização histórica da narrativa. Logo após, investigamos de maneira mais detida as formas como o romance apresenta o espaço da mulher na ciência do fim dos oitocentos.

* Doutora em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) desde de 2018. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em “Estratégias Didático-Pedagógicas voltadas ao Estudante-Trabalhador”, do IF Sudeste MG, e membro do grupo de pesquisa “Travessias e Feminismo(s): estudos identitários na autoria feminina”, da UFJF.

E-mail: rafakelsen@gmail.com

** Professora da Faculdade de Letras, da UFJF. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF. Pós-doutora em Memória e Acervos pelo Programa de Pós-graduação da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto, SP. Líder do Grupo de Pesquisa “Travessias e Feminismo(s): estudos identitários de autoria feminina”.

E-mail: nicea.nogueira@ufjf.edu.br

O romance

Em *Cartas de Yellowstone*, conta-se uma história passada no ano de 1898 nos Estados Unidos. No enredo, têm-se como centro as experiências vividas pela estudante de medicina Alexandria Bartram ao se aventurar em uma expedição botânica pelo Parque Nacional de Yellowstone, localizado nos estados de Wyoming, Montana e Idaho.

No grupo oficial da excursão, há apenas cinco homens, Andy Rutherford, Daniel Peacock, dois estudantes e Howard Merriam, sendo este último professor da Faculdade Agrícola do Estado de Montana e o chefe da expedição. Dentre os personagens dispostos na trama, é com Howard que Alexandria estabelece maior contato. O diálogo entre os dois, no entanto, é entrecortado por personagens secundários que dão o direcionamento da narrativa, como a senhorita Zwinger e a senhora Eversman, duas mulheres que a protagonista encontra no parque de Yellowstone.

Há também Lester, o amigo da família que zela por Alexandria e tenta buscá-la; os pais de Alexandria; Philip Aber, que é uma espécie de patrono e fiscalizador da expedição; William Gleick, estudioso do Instituto Smithsonian que dá apoio a Howard em suas inseguranças; Joseph e Sarah, os nativos que auxiliam os membros da expedição nas suas aventuras pelo parque e, finalmente, Jess, a confidente de Alexandria.

Ao longo da narrativa, enfatizam-se os receios sobre a participação de uma mulher em uma excursão de tamanho porte. Apesar dessas desconfianças, Alexandria, aos poucos, ganha o seu espaço e se afirma como cientista de uma maneira pouco recorrente em seu contexto histórico: ela consegue um cargo em uma universidade.

O enredo é contado por meio de cartas que remetem a diversos elementos e personagens históricos do final do século XIX. Vislumbra-se, por exemplo, a insurgência da questão ecológica em falas preocupadas com a construção de ferrovias e a provável invasão de terras indígenas no Parque de Yellowstone. São também feitas menções a expedições anteriores como a de Meriwether Lewis (1774-1809) e William Clark (1770-1838), que lideraram a primeira grande viagem exploratória pelo continente norte-americano ao início do século XIX, passando, inclusive, pelo que hoje é o território do parque de Yellowstone.

O ecoar da tradição também aparece quando o romance se reporta a naturalistas renomados. Aliás, é preciso destacar que a fictícia protagonista da narrativa é retratada como familiar de John Bartram (1699-1777), considerado o pai da botânica americana, e de seu filho, William Bartram (1739-1823), que também se tornou um naturalista reconhecido por meio de suas expedições no sudeste dos Estados Unidos.

Ainda dentro desse âmbito da perspectiva histórica, é válido mencionar as noções de ciência que acompanham o marco histórico abordado na narrativa. Sabe-se que o século XIX foi um momento intenso no que tange à produção de conhecimento científico. O ritmo vertiginoso dessas teorias é também perpassado pelo questionamento e propostas de reestruturação da própria ideia de conhecimento vigente na época. Se, ao início do enredo, Alexandria sustenta uma perspectiva extremamente conservadora e lógica de prática científica, ao longo da trama ela é constantemente desafiada em suas concepções, seja pelo olhar de Howard ou das outras personagens que encontra pelo caminho.

Há também aspectos históricos que figuram de forma subjacente no enredo de *Cartas de Yellowstone*. Embora o romance não mencione explicitamente essa questão, é preciso lembrar que, ao final do século XIX, tem espaço uma série de atividades cruciais do movimento pelo sufrágio feminino (em 1878, por exemplo, é proposta a emenda sufragista pela primeira vez ao congresso americano). Essa nova configuração, certamente, autentica a narrativa para trabalhar os atos e pensamentos de Alexandria da maneira que o faz. Afinal, é constante, no romance, a representação de uma heroína destemida, que batalha em prol dos direitos que ainda não lhe são resguardados.

Esse cenário coaduna-se também com a conformação do que, ao final dos oitocentos, convencionou-se chamar de “Nova Mulher”. De acordo com Ruth Bordin (1993), as representantes desse novo agrupamento feminino eram:

[...] treinadas profissionalmente, conscientes sobre a sua carreira e seu papel. Elas representavam uma nova geração de mulheres americanas, independentes do controle masculino e capazes de dar assistência da mesma forma em que eram assistidas pelas suas famílias, de quem elas frequentemente viviam separadas. Elas organizaram as suas vidas em padrões semelhantes àqueles das profissionais solteiras da atualidade (BORDIN, 1993, p. 2, tradução minha).ⁱⁱ

Essa categoria específica, que emerge em solo americano nas últimas décadas do século XIX, é amplamente refletida na liberdade de comportamentos de Alexandria e na sua maneira peculiar de entender a formação e a atuação profissional para as mulheres.

Todos esses aspectos históricos, que são remodelados pelas mãos da ficção, trazem a ambiência necessária para a concepção de uma metaficção historiográfica, nos termos de Linda Hutcheon (1991). Ao contrário da história, preocupada em eleger os grandes homens de seu curso, essa narrativa propõe um olhar sobre o que não foi visto ou contado. Em *Cartas de Yellowstone* surge uma fictícia (mas possível) estudiosa nascida no mesmo berço que os celebrados botânicos da família Bartram. Assim como a irmã de Shakespeare, concebida literariamente por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1929), Alexandria surge para provocar a seguinte reflexão: qual patamar as mulheres poderiam ter alcançado nas ciências se lhes fossem dadas as mesmas oportunidades que são concedidas aos homens?

Nas trilhas desse olhar, entendemos que o conflito central do romance se institua nos seguintes termos: de que forma uma mulher limitada pelos preceitos sociais pode excursionar em uma experiência adversa de pesquisa sem ser e sem se revelar afetada, sem causar algum tipo de reação contrária de seus pares e, principalmente, conseguindo destacar-se enquanto estudiosa?

A fim de compreender as amarras narrativas que respondem a essas questões, dividimos o restante deste trabalho em três partes principais. Nelas, buscamos discriminar os diferentes olhares que se dirigem a Alexandria quando ela se propõe a integrar o mundo científico, contexto no qual ela é amplamente classificada como corpo estranho.

Essas perspectivas, claramente destacadas na estrutura desse romance epistolar, serão discutidas por meio dos seguintes eixos: a) o olhar do sexo oposto sobre a heroína; b) a percepção das personagens mulheres sobre Alexandria; e, finalmente, c) a imagem que a protagonista cria de si própria nesse cenário pouco receptivo.

O olho do outro no espelho

Em uma das primeiras passagens do *Cartas de Yellowstone*, apresenta-se uma correspondência em que Alexandria, sob a insígnia de “A. Bartram”, solicita seu ingresso na expedição chefiada por Howard Merriam. Na carta, Alexandria destaca todos os atributos que a credenciaram, como cientista, a ingressar na pesquisa de campo. É interessante observar que, ainda no processo de argumentação pelo seu ingresso, a heroína menciona até mesmo aspectos da sua vida social, os quais, fosse ela um homem, certamente contariam a seu favor em um processo de admissão para a pesquisa científica:

Embora eu tenha estudado medicina durante meu tempo aqui [na Universidade Cornell], eu prefiro o estudo de botânica a qualquer outra coisa. Eu tenho uma coleção pessoal de mais de 5.000 espécimes [...]. Nos últimos três anos, eu passei o verão na Filadélfia estudando a expedição de Lewis, e eu iniciei uma documentação ilustrada de sua coleção [...]

[...] **Eu sou jovem, não tenho cônjuge, e estou sem nenhum compromisso que possa me prender aqui** (SMITH, 1999, p. 3, tradução minha, grifo meu).ⁱⁱⁱ

No momento em que recebe a carta, Howard instintivamente presume que o remetente seja um homem. Na realidade, jamais passa pela imaginação do pesquisador a possibilidade de que o pedido pudesse ter vindo de uma mulher. No entanto, a admiração que se manifesta em Howard quando lê a carta de Alexandria e o desejo de que o desconhecido pesquisador se junte à expedição é substituído no momento em que Merriam descobre que o perfil apresentado na correspondência pertence a uma mulher.

A dimensão do espanto de Howard e de seus companheiros acontece na mesma medida da exclusão do corpo feminino da ciência da época. Não era comum e, para muitos, não se mostrava como empreendimento possível a uma mulher adentrar em qualquer campo de pesquisa. Dessa forma, considerando-se os espaços escolhidos para a representação feminina (o lar e, dentro do lar, a cozinha e o quarto), o chefe da expedição sente o desconforto de não identificar em Alexandria a incorporação de estereótipos femininos.

Em consonância com o que nos ensina Stuart Hall (2016) em sua obra sobre cultura e representação, o primeiro impulso de Howard ao perceber o não lugar de Alex é simplesmente excluí-la. Assim que descobre que a cientista é uma mulher, o estudioso escreve desnorteadado para sua mãe, revelando não saber o que fazer com uma representante do sexo feminino em sua expedição, mesmo estando necessitado de pessoal.

Mesmo que, posteriormente, o chefe da expedição venha a demonstrar a sua empatia para com outras formas de conhecimento, ao início do romance, o personagem revela sua total aversão à ideia de um trabalho científico exploratório realizado por mulheres. Deve-se ressaltar que, ainda que este romance se passe em fins do século XIX, os ditames da moral vitoriana ainda permaneciam fortes nesse período. As linhas abissais do pensamento moderno (SANTOS, 2007), mesmo nesse contexto de vanguarda feminista, também continuavam espessas e, dessa forma, a prática mais aconselhada era impedir que as mulheres falassem, inclusive quando sua fala fosse circundada de mais propriedade do que o discurso dos homens.

Nessa perspectiva, até a própria imagem que Howard cria sobre o físico de Alexandria remete à sua inadequação ao trabalho de pesquisa. Franzina e baixa, Alex dá a Merriam a impressão de que não comeria muito. Dado o limitado investimento financeiro da expedição, essa característica, por si só, auxilia no convencimento de Howard sobre a integração da estudiosa ao seu grupo. Nota-se que ele não espera dela a força e resistência necessárias ao trabalho na natureza. Entendendo que Alex não poderia ajudar, ele começa a se contentar com a suposição de que ela não atrapalharia seus trabalhos.

À medida que o tempo passa no campo de pesquisa, torna-se possível conhecer um pouco das perspectivas de Howard e Alexandria em torno do saber. Merriam, apesar de suas preconceções sobre o sexo feminino, mostra-se profundamente interessado pela alteridade indígena e valoriza o conhecimento ancestral dos povos autóctones. Porém, no trato diário com Alex, ele percebe que a estudiosa não compartilha da sua visão em virtude de uma formação científica extremamente tradicionalista.

A partir desse olhar de Howard, nota-se então um esforço de Alexandria em se inserir e se confirmar em um lado privilegiado da fronteira. Sua luta traduz-se no esforço de desvincular-se do universo mítico, sensível e pouco racional associado não só às mulheres, mas aos povos indígenas e às pessoas de países colonizados. A limitação do pensamento de Alex, nesse sentido, anda ao lado do pensamento moderno e suas linhas abissais. A estudiosa, em sua ânsia pela inserção no mundo da ciência, não entende o conhecimento (sobretudo o conhecimento legitimado) como uma instância negociada (ALCOFF; POTTER, 1993).

Apesar dessa verdadeira fixação por conviver no lado privilegiado da fronteira, a inserção de Alexandria em uma equipe de pesquisadores formada exclusivamente por homens faz lembrar, a todo instante, o seu lugar pouco favorável nas relações do saber. Em uma das noites no acampamento, o motorista da expedição, de pouca formação escolar, recolhe um dos livros de botânica de Alex e sexualiza uma passagem que trata da fertilização das flores.

É importante dizer que a vigília em torno do comportamento de Alex não acontece apenas por parte de seus companheiros de expedição. Bartram também é observada de longe pelos homens que faziam parte de sua convivência antes do ingresso na expedição. Um desses personagens é Lester King, espécie de mentor de Alexandria e, claramente, um possível pretendente.

Em uma visita ao Parque de Yellowstone, King não se conforma com o fato de Alex não ter se dobrado às regras da academia e ter preferido a extrema liberdade do trabalho de campo. Ele percebe que todo aquele cenário que entende como impróprio a uma mulher é justamente a vida profissional com que a estudiosa sempre sonhara. Ainda que testemunhe a evidente realização de Alexandria, King entende a permissividade do campo de pesquisa como ambiente perigoso. Sua perspectiva coaduna-se a um dos pilares do biopoder (FOUCAULT, 1999), qual seja, o controle e restrição do corpo feminino.

A inflexibilidade desses olhares masculinos é quebrada ao final da expedição, quando Howard se convence sobre a necessidade da presença Bartram e destaca aos seus superiores o esforço de Alex tanto na coleta quanto na ilustração dos espécimes encontrados.

Cabe apontar que a configuração desse olhar advindo do homem que se arrepende das práticas de opressão e que se rende a um apelo de igualdade entre os sexos surge de um personagem com traços pouco compatíveis com os fundamentos do pensamento moderno. Apesar de transparecer toda uma formação sexista quando recebe Alexandria, desde o início percebe-se nele uma tendência a receber os saberes do outro, especialmente quando esse outro são os povos nativos.

Como apontado anteriormente, um dos maiores esforços de Merriam no campo de pesquisa é justamente persuadir Alex a abandonar sua visão tradicionalista e exploratória da ciência para adotar uma postura mais contemplativa e até mesmo mítica em torno do conhecimento.

Esse desafio aos paradigmas modernos que Howard impõe a si próprio e que propõe a Alexandria muito contribuem para a maneira como as parceiras de seu mesmo sexo veem a protagonista e para os traços com os quais a própria heroína passa a se enxergar. Essa outra perspectiva é a principal matéria da seção a seguir.

Corpos e mentes abdicados: o olhar da sororidade na ciência

Depois de algum tempo de pesquisa no Parque Nacional de Yellowstone, Alexandria depara-se com uma grata surpresa: ela encontra uma outra estudiosa observando a natureza. Trata-se da senhora Eversman. Durante as apresentações, ambas trocam informações sobre o trabalho que realizam e a pesquisadora de maior idade prontamente estabelece uma distinção entre seus perfis. Enquanto Eversman credita a Bartram o título de verdadeira cientista ela não atribui a si própria a mesma designação.

Seguindo trilhas similares às de Howard, Eversman sustenta um senso de ciência mais contemplativo. Seu trabalho diário não se enquadra na exploração e sim na pura observação das espécies. Aliada a essa postura não invasiva de Eversman, até mesmo o seu modo de se vestir e seu gestual opõem-se ao ideal viril da ciência moderna. Refutando tornar-se a “caricatura” do mundo masculino (OLIVEIRA, 1993, p. 55), a estudiosa encobre-se de saber sem despir-se de si própria:

Ela certamente não estava vestida para a vida científica, nem para se aventurar, aliás. Comparada a mim, com minhas roupas de campo agora esfarrapadas e imundas, ela parecia muito radiante, com seu traje de sarja azul pálida, não muito diferente da cor de um ovo de um pássaro na primavera. A sua camisa estava apumada e engomada, seus cabelos castanhos espessos, suavizados por fios grisalhos, estavam cuidadosamente presos. Outro sorriso enrugou seu rosto, mergulhou a cabeça nos ombros e voltou o olhar para as árvores (SMITH, 1999, p. 82, tradução minha).^{iv}

De certo modo, Alex encanta-se por esse modo de conhecer de Eversman, uma mulher que chega a fazer campanha para que amantes de pássaros abandonem as armas e substituam-nas por binóculos de ópera. Há, nesse *modus operandi* de pesquisa, uma proposta de recuo do nascimento masculino do tempo defendido Francis Bacon (1979).

É preciso pontuar que, mesmo acreditando ter menos legitimidade científica do que Alexandria, a pesquisadora mais experiente demonstra plena satisfação na condução de seu trabalho. Ainda assim, seu próprio discurso contribui para o *status* subjugado em que ela e sua ciência possuem nas relações cognitivas. Ao engrandecer Alex, a senhora Eversman subestima a si própria dizendo:

“Oh, uma cientista,” - ela suspirou, agora apertando as mãos como se quisesse acalmá-las. “Como eu te admiro. Eu sempre quis ser um cientista, mas” [...], sou apenas uma tagarela. Alguém que você pode chamar de amante da natureza. Eu suponho. E, agora, desde que meu marido morreu, acho que também sou um pouco aventureira” [...] (SMITH, 1999, p. 82, tradução minha).^v

Apesar disso, a resiliência especulativa de Eversman e a sua inegável paixão por descobrir e catalogar novidades no mundo natural fazem com que Alex note, reconheça e aprecie essa maneira não ortodoxa de busca pelo conhecimento. Nesse encontro de gerações distintas, percebe-se o peso das oportunidades de formação no destino traçado para cada cientista mulher (Alex é uma estudante universitária admitida em uma expedição oficial, enquanto Eversman é uma senhora que só adquire liberdade para aventurar-se na natureza após a morte do marido). Assim, identificamos uma sutil homenagem de Smith às pensadoras que, mesmo sendo proibidas e ainda que apagadas da história, não deixaram de dar suas contribuições ao mundo da ciência.

Outra figura feminina importante no que diz respeito à experiência de Alexandria durante a expedição, é a senhorita Zwinger. Mulher de meia idade, Zwinger é uma viajante e naturalista que vive acompanhada por moças mais jovens. Embora na narrativa não se faça uma menção explícita sobre a natureza da relação de Zwinger e suas companheiras, o enredo leva ao possível entendimento de que a líder do grupo atua como uma espécie de tutora.

Ao encontrar Alex em um hotel nos arredores do parque, Zwinger estabelece uma relação de amizade com a protagonista e é capaz de enxergar nela as mesmas inseguranças que ela própria houvera enfrentado no momento em que decidira tornar-se independente. Na realidade, Zwinger percebe, com a chegada de Lester King no acampamento, que aquele seria um momento crucial na vida de Alexandria. No tempo e espaço em que viviam, não seria possível optar pela liberdade profissional sem lançar mão de uma série de abdições.

Assim, na celebração de 14 de julho no acampamento, Zwinger arquiteta uma situação em que Alex toma consciência de seu corpo mulher e em que compreende a urgência de ponderar e afirmar suas próprias decisões. Propositamente, a personagem mais experiente empresta a Bartram um vestido justo no corpo, cor de rubi (ou de sangue, como Lester o definiria). O traje, escolhido para a comemoração da independência dos Estados Unidos, é também apontado metaforicamente como a roupa apropriada para a própria independência de Alex.

O vestido provocante, que dá a Alexandria contornos os quais ela própria desconhecia, faz a senhorita Zwinger lembrar-se de si quando tinha a idade da protagonista. Assim como Bartram, ela, um dia, se sentira “incerta sobre a [sua] feminilidade, mas abertamente confiante sobre todo o resto, incluindo [seu] futuro” (SMITH, 1999, p. 118, tradução minha)^{vi}.

Percebendo esse impasse, Zwinger deixa claro para Alexandria que um eventual relacionamento e possível casamento significariam o fim de sua vida científica. Ela atesta a Alex que vive feliz tendo escolhido a profissão, mas pede à jovem cientista que pondere se realmente desejaria o mesmo destino, que, na época em que se passa o romance, significa um caminho sem volta, sem abertura para muitas outras experiências que circundavam a vida social das mulheres.

Na fala de Zwinger percebe-se, então, que a geração de Alex obtém uma conquista jamais experimentada por estudiosas nascidas em outras etapas da Era Moderna. Apesar dos sacrifícios ao longo da carreira, a vida científica apresentava-se a algumas mulheres como possível escolha. Essa inclinação, todavia, ainda significava a impossibilidade de viver a experiência feminina sob outros ângulos. Era improvável, por exemplo, encontrar um companheiro que aceitasse uma mulher pelo que era e pensava. Dessa forma, a ambição profissional, para Alex e suas contemporâneas, traria consigo a ameaça da solidão.

A escolha de Alex, à qual Zwinger dá grande relevo, começa a se delinear quando a protagonista informa a Lester King que não deixaria a expedição antes do término. Esse caminho de resolução é ainda mais fortalecido à medida que o campo de pesquisa lhe apresenta outras figuras femininas.

Uma dessas personagens é a mulher de Philip Aber, o patrocinador da expedição. Ela se apresenta no Parque de Yellowstone após receber a notícia da morte do marido. Ao observar a senhora Aber, Alexandria não pode evitar fazer uma comparação entre si própria e a viúva. Delicada e extremamente dependente, Aber surge como metáfora do arquétipo que Bartram havia deixado para trás ao tornar-se um membro da expedição:

A sra. Aber tem mais ou menos a minha idade, embora pareça muito mais jovem, quase como uma criança, apesar de sua beleza fascinante. Ela tem uma postura perfeitamente ereta, com um pescoço longo e cabelos pretos e espessos, que servem apenas para acentuar a palidez de sua tez e a escuridão de seus olhos. Eu diria que ela se parece com uma boneca, mas é muito frágil para essa comparação. Ela é tão delicada que parece precisar do braço de um homem simplesmente para andar de um lado para o outro da sala (SMITH, 1999, p. 133, tradução minha).^{vii}

Também é primordial para esse processo de autoafirmação de Alex o contato com Sara, uma das mulheres nativas que habitavam o Parque Nacional de Yellowstone. Alexandria é informada de que a indígena havia fugido com o marido, Joseph, de sua tribo original pela ameaça de ser raptada por outro homem (o costume, pelo relatado, não era algo incomum no povo ao qual eles pertenciam).

Tomando-se como referência as pistas da narrativa e, principalmente, as reações de Alex, nota-se que a amizade com Sara é a primeira que a protagonista estabelece de maneira consistente com uma mulher fora de seus vínculos étnicos e sociais. Esse elo é também relevante para que a heroína compreenda seus espaços de privilégio, ao mesmo tempo em que vislumbra melhor as atrocidades instauradas também no âmbito de seu próprio grupo cultural.

Ao ouvir sobre a experiência de fuga de Sara, Alexandria se assusta com o *status* de propriedade inculcado ao corpo das mulheres daquele povo. Todavia, após esse primeiro instante em que enxerga a cultura do outro como primitiva, ela relembra que as mulheres brancas não eram mais valorizadas e respeitadas em seus desejos do que as mulheres

indígenas. Nessa perspectiva, em carta enviada à confidente Jess, Alex começa a entender que o seu mundo não poderia ser tido como mais avançado que o de Sara e Joseph:

Mas, Jessie, você pode imaginar? Como alguém poderia viver rodeado por esses medos? Ela é como uma propriedade, a ser roubada por qualquer homem que deseje reivindicá-la. Mas quando considero as moças que viajam com a senhorita Zwinger, muitas das quais serão, no final das contas, compradas pelo maior lance, não posso julgar Sara e seu povo. [...] Os nativos podem viver em um mundo diferente do nosso, mas não é inferior. Admito que condenei Joseph rapidamente pelo que considero serem suas crenças primitivas, mas ele e sua esposa não são selvagens, como seus detratores nos fazem acreditar. Ou, pelo menos, eles não são mais selvagens no mundo deles do que nós somos no nosso (SMITH, 1999, p. 170, tradução minha).^{viii}

Na realidade, o contato de Alex com a alteridade de Sara torna-se tão relevante que a amiga indígena se torna inspiração para a protagonista. Ao fugir de seus costumes locais, Sara quebra a tradição de sua cultura, a fim de buscar a autorrealização. No romance, não se encontra a pretensão de dispor a condição social e de gênero de Alexandria sob o mesmo ângulo que a experiência resiliente de Sara. No entanto, o movimento empreendido por esta última ao não se curvar às convenções de sua cultura torna-se referência no percurso de Alex.

A convicta luta de Sara dá à protagonista do romance a certeza da necessidade de enfrentar as determinações de sua própria linhagem. É nesse sentido que Alexandria finalmente estipula casamento e filhos como itens secundários em sua lista de prioridades:

[...] um casamento agora limitaria minha capacidade de explorar todas as novas e ricas possibilidades que aguardam a mim e à minha nova carreira. E crianças, por mais abençoadas que fossem, roubariam essa parte do meu futuro. Se aprendi alguma coisa com minha conversa com Sara e com minha longa estada aqui no parque, é que as mulheres podem e devem tomar a frente de suas vidas. Sara fez isso retirando-se das tradições de sua tribo. Pretendo aprender com a sabedoria dela e me retirar, pelo menos por enquanto, das tradições minhas (SMITH, 1999, p.175, tradução minha).^{ix}

Logo, a relação com o outro feminino torna-se primordial na determinação do futuro de Alexandria. Eversman, Zwinger e Sara são representações apuradas dos traços que a protagonista deveria incorporar se realmente quisesse seguir um destino alternativo àquele apresentado às mulheres de sua classe. Deve-se pontuar que o acesso a essas outras possibilidades de “ser mulher” apenas são apresentadas a Alex quando ela decide embarcar em um espaço incomum ao sexo feminino. Somente ao deixar o isolamento doméstico e a proteção imposta da instituição familiar, a heroína tem acesso a outras referências, a outras formas de ver a si e seu efetivo papel em sociedade.

Acreditamos que Smith aponte também para a imprescindibilidade da oportunidade de escolha para percurso seguido por essas mulheres. As personagens femininas tratadas até aqui são sujeitos claramente pertencentes a classes distintas, a gerações separadas no tempo, a culturas consideravelmente distantes em sua forma de entender e viver a experiência humana. Todas essas idiosincrasias diferenciam essas mulheres na forma como tentam e conseguem combater a diferença sexual. Apesar dessas disparidades, fica latente nessas histórias a primazia da liberdade na realização dessas mulheres. Suas vidas desobedecem a uma trajetória tradicional à medida que vislumbram outras realidades como factíveis ao seu sexo.

Cabe pontuar que essa matriz de referências femininas não tem seu marco final na protagonista do romance. Ao longo de toda a narrativa, Alexandria troca correspondências com Jess, sua amiga e confidente. Em momento algum, são expostas as respostas de Jess às cartas de Alexandria. A tônica das missivas da protagonista, porém, levam à suposição de que Jess vem do mesmo grupo social de Alex e que ambas possuíram formações semelhantes, mas

que naturalmente se apartaram no momento em que Alexandria decidiu seguir um percurso de maior independência.

O silenciamento de Jess na narrativa diz muito sobre a sua condição. Enquanto Alexandria aventura-se em algo novo à procura de experiências e afirmações ancestralmente negadas às mulheres, Jess mostra-se como o arquétipo da mulher oitocentista, que só consegue acessar o mundo exterior pela abertura de sua janela. As cartas que a protagonista envia à sua confidente são essa via de acesso a um ambiente, em primeira instância, inacessível.

As primeiras negociações de Alex para seu ingresso na expedição, a confissão dos perigos e preocupações que ela oculta nas cartas enviadas aos pais, os lampejos de romance e as decisões que ela se vê obrigada a assumir em meio ao amadurecimento pessoal e profissional são cenas que tomam nova vida quando o papel encontra os olhos de Jess.

Reiteramos a ausência de caracterizações sobre essa principal destinatária das cartas de Alexandria. Nada se sabe sobre ela além da ciência que possui sobre os bastidores da aventura da protagonista. Esse desconhecimento, todavia, não impede que se presuma nela o espanto, a admiração e a realização vicária que sente ao acompanhar os passos improváveis de sua amiga íntima.

O tom dessa identificação que se dá sobretudo pelo pertencimento de gênero das duas personagens fica exposto principalmente quando se comparam as cartas enviadas por Alexandria a Jess com aquelas que ela remete aos pais e a Lester King. É apenas na interlocução com a amiga confidente que a protagonista permite-se confessar os desafios diários.

Alexandria sabe que qualquer pedido de ajuda direcionado aos seus “responsáveis” significaria admitir o fracasso em sua jornada de emancipação. Na realidade, ao longo de todo enredo, pratica-se essa espera pela deserção de Alex, principalmente por parte das figuras masculinas como Lester King e o próprio Howard. Nesse sentido, a heroína esforça-se para se mostrar forte e resoluta diante de seus pares homens.

O ato de revelar suas inseguranças para Jess, por outro lado, não traz desconforto algum. A noção de identificação e pertencimento entre as duas amigas é o que permite a resistência de Alex no campo de batalha. Essa relação de afetividade e incentivo atinge seu ápice ao final do romance quando Alexandria, tendo finalizado a expedição e já estabelecida em um cargo de pesquisadora na Faculdade Agrícola do Estado de Montana convida Jess a sair do papel de mera interlocutora para ressignificar sua experiência como sujeito.

O convite, em termos literais, é para que Jess um dia visite o território onde Alexandria ousou aventurar-se. Porém, entendemos que o chamado se refere a bem mais do que um deslocamento no espaço. O oeste desconhecido e temido conquistado pela protagonista também é metáfora dos percalços enfrentados pelos pioneiros de seus grupos sociais. A produção de conhecimento, a independência, a oportunidade e a responsabilidade de falar por si eram terras ainda pouco desbravadas pelas mulheres no final dos oitocentos. Era preciso, então, coragem e mãos companheiras para atingir o outro lado dessa estrada que prometia ser repleta de venturas:

Vou escrever para você e minha família para que vocês saibam o que está por vir. Você deve viajar para o oeste, como Thoreau aconselhou uma vez, e experimentar o meu novo mundo por si própria assim que puder. Estou mais confiante do que nunca que será arrebatador, Jessie. Simplesmente arrebatador (SMITH, 1999, p. 226, tradução minha).^x

Verdade sem exatidão: prenúncios de uma ciência desgendada

Desde o início de *Cartas de Yellowstone*, são notáveis os elementos que diferenciam Alexandria Bartram dos estereótipos impostos às mulheres de sua época. Na primeira carta que envia ao chefe da expedição ao Parque Nacional de Yellowstone, Alex apresenta uma solidez singular não só na manifestação de seus desejos profissionais, mas também na enumeração dos propósitos que regem o seu direcionamento de carreira. A convicção de suas palavras, por um momento, soa como se seu discurso estivesse suspenso das amarras sexistas atreladas à ciência do século XIX.

É igualmente peculiar a maneira como Alexandria encara a recepção surpresa de Howard Merriam ao perceber que o estudioso Bartram era, na realidade, uma mulher. Em momento algum, o romance dá pistas de que Alexandria tenha ocultado seu sexo nas cartas de admissão de maneira proposital. Na realidade, o entendimento de que tal ato tenha sido casual intensifica-se no momento em que Alex ofende-se diante do espanto de Merriam.

Apesar desse sentimento, é necessário levar em consideração que, mesmo após a sua integração à pesquisa, a protagonista tem consciência de que sua presença é também uma concessão. Ela sabe que sua permanência no campo de pesquisa seria confirmada à medida que ela comprovasse sua capacidade de não incomodar. O percurso traçado por Alex a fim de reverter essa desvantagem profissional passa não somente pela escolha em assumir um comportamento independente no campo de pesquisa, mas também por demonstrar o seu domínio em relação aos princípios e técnicas científicas vigentes à época. A facilidade com que a estudiosa assimila e aplica a aura racionalista e experimentalista amalgamada no conhecimento moderno comprova o seu preparo para o tipo de trabalho que os financiadores esperavam daquela expedição.

De maneira análoga, a formação que Bartram recebe de seus pais é afirmada como fator basilar para a conformação de sua prática científica. Em uma carta direcionada a seus pais, Alex reflete sobre o papel determinante da criação e, especialmente, da perspectiva religiosa em que a criança é educada para a demarcação de suas experiências na vida adulta. A partir dessa correspondência, nota-se que Alexandria fora educada para fazer muito mais escolhas que as suas contemporâneas. Em um período de verdadeira confirmação protestante e enraizamento do puritanismo, a heroína de *Cartas de Yellowstone* tem permissão para escolher as concepções que entendesse como adequadas para compreender o mundo.

Essa formação é refletida em diversos episódios da narrativa e se torna relevante para que a protagonista problematize os entornos de sua feminilidade e defina o direcionamento dos apelos sexuais e afetivos que circundam o seu corpo. Um dos momentos que comprovam esse outro viés assumido pela aventura de Alex é o episódio em que Lester King vai até o campo de pesquisa para resgatar a heroína dos perigos que rondam a expedição.

O gesto, que para muitos deveria soar como irresistível para qualquer mulher exposta a situações adversas, é encarado com desdém por Alexandria. Ela atesta a King que todo o esforço realizado seria recompensador, uma vez que ela almejava um maior reconhecimento no mundo científico.

Nesse diálogo, constata-se o quanto as ambições de Alex desafiam as limitações ditadas ao seu sexo. Sem nenhuma desconfiança, ela confessa a Lester King que deseja construir uma reputação equivalente a grandes nomes da ciência como Meriwether Lewis, Charles Darwin e dos outros Bartram que vieram antes dela.

Nitidamente, não passa pelo espírito de Alexandria a insegurança acerca de sua capacidade em comparação com o potencial de renomados homens da ciência. A autoconfiança que caracteriza a prática científica de Alex também parece influenciar a maneira como a heroína passa a considerar suas relações interpessoais. Nas palavras de Lester King, uma vez alocada no Parque de Yellowstone, a estudiosa abandona decoros anteriores,

os quais se mostravam necessários para o convívio e aceitação de sua figura no interior da universidade.

Agora, liberta no campo de pesquisa, entregue a uma natureza selvagem que King acredita ser-lhe inata, Alex não demonstra preocupação acerca da tonalidade que adota para direcionar-se aos homens, nem dos gestos que utiliza nesses diálogos e tampouco dos locais que escolhe para realizar esses encontros.

Em uma das ocasiões nas quais King e Bartram debatem a necessidade de que ela regresse à universidade, a protagonista sugere que os dois façam uma caminhada a sós pela floresta para melhor discutir a questão. No entanto, a mera sugestão de Alex deixa King em choque. Puritano, o rapaz alerta a heroína sobre os comentários maldosos que poderiam surgir e sobre o dano que uma caminhada a sós com um homem poderia causar à reputação de uma mulher.

É notável que as palavras de Lester não geram o efeito esperado. O alerta não traz a Alexandria nenhum tipo de preocupação ou qualquer espécie de correção do convite que havia direcionado ao amigo. Ao contrário, o comentário inflexível e ortodoxo de King provoca na cientista uma irritação brutal. Aversa à hipocrisia dos princípios que regem o comportamento feminino na sociedade vitoriana, Alex rompe em direção à floresta sozinha a despeito dos protestos do amigo.

A cena que se desenrola na sequência desses acontecimentos é particularmente emblemática. A rigidez e a tensão nas quais Lester King tendia prender a protagonista são contrapostas à liberdade do cenário natural para o qual Alex se entrega. Sem seguir uma direção pré-determinada, a protagonista depara-se com uma clareira onde encontra uma cachoeira exuberante nunca antes visitada em suas caminhadas pela expedição.

A atração entre a mulher e as águas é instantânea. Sozinha e particularmente indignada com quaisquer normas que envolvam o seu corpo, a protagonista pratica uma comunhão inédita com a natureza. A sensualidade empregada na cena prenuncia uma definitiva inscrição da heroína em cenários do mundo natural e o seu paulatino afastamento dos espaços demarcados para o sexo feminino, como o universo doméstico:

Quando entrei na cavidade profunda e fria esculpida pela cascata, meu espírito aventureiro despertou o melhor de mim e eu imediatamente saí em direção às rochas, deixando a água gelada cair e respingar ao meu redor. Fiz então algo que, caso Lester soubesse, certamente confirmaria suas piores suspeitas sobre o comportamento antissocial que ele acredita ter sido desenvolvido por mim aqui. Tirei a jaqueta, a saia e a camisa e coloquei-as sobre uma pedra para secar. Eu então soltei meu cabelo e me deitei em uma estreita faixa de sol, fechei os olhos e ouvi o mundo vivo, que respirava, rugia, pulsava e desabava ao meu redor (SMITH, 1999, p. 114, tradução minha).^{xi}

Nesse momento em que King viaja para resgatar Alex, Howard Merriam já está completamente convencido acerca da competência científica de Alexandria e da necessidade de sua permanência para o sucesso da expedição. Apesar dessa convicção, Howard não consegue despir-se de todos os princípios inculcados por meio de sua formação patriarcal. Tendo encontrado Alex logo após ela deixar o cenário acima descrito, ele aconselha a cientista a retornar com Lester King, compreendendo que essa seria a melhor decisão para a imagem da estudiosa.

O paternalismo de suas palavras acompanha a semântica de superioridade em seus gestos que buscam consolar Alexandria pelo que seria o limite de suas ambições. A resposta da protagonista a mais essa tentativa de inibição ao seu livre arbítrio também se dá na mesma potência de gestos e palavras. Com uma rispidez e agressividade, próprios de quem resiste, Alex deixa evidente que não deseja e não necessita da pena velada de pessoas do sexo oposto:

“Eu sei ...”, [...] “que seu amigo, professor King, está aqui para convencê-la a voltar com ele. Por mais difícil que isso seja para mim, sinto que é meu dever lhe dizer que seria melhor para todos os envolvidos se você voltasse para casa na companhia dele.”

Ele apertou minha mão suavemente e deu de ombros. Eu podia sentir as minhas bochechas ficando vermelhas.

“Eu aprecio sua preocupação”, eu disse, e abruptamente retirei minha mão. “Mas, verdade seja dita, você nunca me quis aqui, não é?” (SMITH, 1999, p. 115, tradução minha).^{xii}

Cabe pontuar que, nessa oportunidade, Alexandria demonstra sua total relutância em relação à máscara de feminilidade diagnosticada por Joan Riviere (2005) ao observar a relação entre mulheres intelectuais e seus pares do sexo masculino. A protagonista não é tomada por dúvidas sobre a sua competência de produzir na mesma profusão e qualidade de seus colegas homens.

Para além disso, Alex não permite que sejam bem-sucedidas as tentativas de imposição dessa mesma máscara por parte de seus colegas de trabalho. Até o momento, foi possível notar que são muitos esses esforços para heteroidentificar a fragilidade em Bartram e para justificar esse traço em razão de seu sexo. Seja pelo chefe da expedição, pelos outros colegas do campo de pesquisa e até mesmo pelo amigo que há muito conhecia a sua competência científica, de todos os lados a heroína se vê pressionada a assumir uma inferioridade que ela não sente e que, definitivamente, não possui.

A resistência a essas inúmeras coerções, que têm como pilar uma concepção deturpada do feminino e uma construção dominadora sobre a feminilidade, contribui para que a heroína elabore novos significados até mesmo em torno de seu próprio corpo e da identidade social que deveria assumir a partir de então. Esse momento de autodescoberta ocorre durante a festa de 14 de julho, quando Zwinger empresta seu provocante vestido cor de rubi à protagonista. O efeito de olhar-se no espelho com o traje não é apenas a descoberta de formas adultas para as quais Alex nunca antes houvera se atentado.

Coberta pelo vestido da senhorita Zwinger, Alexandria também toma consciência de uma transformação intensa, provocada de dentro para fora durante sua extraordinária experiência no Parque de Yellowstone. Os caminhos, oportunidades e aprendizados adquiridos por meio de sua iniciativa dão à heroína uma solidez de caráter e uma firmeza de fisionomia que não existiam no início de sua jornada.

A descoberta de um outro reflexo de si também obriga Alex a enxergar tudo aquilo que deixara para trás e tudo mais que teria de abandonar se realmente desejasse assumir sua carreira científica. A partir dessa decisão, não haveria mais espaço para a infantilidade, para a dependência e para a vulnerabilidade que as mulheres de sua época aprenderam como sendo natural e cômoda ao sexo feminino:

Eu mal me reconheci. Não era o vestido, embora ele certamente tenha feito as mudanças muito mais impressionantes. Era mais do que o fato de que meu corpo, no pouco tempo que estive no Parque, mudou. Eu sempre me vi como uma menina. Ou, se não como uma menina, pelo menos uma jovem mulher, caracterizada pelas formas arredondadas e a vulnerabilidade que envolvem essa idade. Mas agora não há vestígios dessa suavidade infantil. Meus braços e a parte superior do meu tórax, mal cobertos pelas pequenas dobras das mangas, estão firmes e bronzeados. Meu cabelo também, apesar de desgrenhado, mudou drasticamente e agora está com mechas amarelas – passei tantas horas ao sol. Eu não conseguia parar de me encarar, estava tão transformada. Na verdade, tive de estender o braço e tocar o meu reflexo, apenas para me assegurar de que era de fato eu, e não mais um dos truques de ilusionismo da senhorita Zwinger (SMITH, 1999, p. 117, tradução minha).^{xiii}

Esse novo entendimento de si, inevitavelmente, também provoca na protagonista perspectivas inéditas sobre sua relação com os outros membros da expedição. Descobrir-se mulher em um campo consagrado aos homens pode ser concebido como uma experiência ameaçadora. De modo geral, essa sensação de perigo não se manifesta em Alex durante boa parte da pesquisa, pois ela enxerga em Howard uma companhia leal que ao mesmo tempo ditava aos outros homens a forma como ela deveria ser tratada. Contudo, em determinado momento da expedição, Howard precisa se ausentar e, mesmo a contragosto, Alex admite que se sente insegura rodeada por tantos homens e especialmente pelo motorista da montanha e sua hostilidade.

Em mais de uma oportunidade, este último afirma a sua contrariedade em relação à presença de mulheres em ambientes públicos, historicamente dominados pelos homens. Dessa forma, o medo, que antes parecera um sentimento inexistente para Alexandria, faz com que a protagonista confesse a Jess a sua incompreensão acerca da agressividade muitas vezes presente nos olhos de seus colegas do sexo masculino:

Jessie, por que alguns homens neste mundo menosprezam as mulheres? O que fizemos com eles que os faz sentir que devem dominar e reprimir nossa boa vontade e desejo de contribuir igualmente para o mundo? Por que eles sentem a necessidade de nos depreciar, nos menosprezar, nos fazer temer por nossas vidas?

Essas perguntas me assombram, mas, não sendo elas perguntas científicas, temo que nunca sejam respondidas por pessoas como eu (SMITH, 1999, p. 161, tradução minha).^{xiv}

A angústia da heroína torna-se instigante quando se considera que sentimentos de insegurança dificilmente são apontados a ela em passagens anteriores da narrativa. Especialmente na análise que realizamos até aqui, procuramos destacar a maneira como a autoconfiança de Alexandria diferencia o seu caminho em relação àquele tomado por outras mulheres de seu tempo.

Porém, nessa etapa de inquietudes de Alex, compreende-se que o seu esforço, a sua crença em si própria e sua inconformidade em relação a quaisquer manifestações sexistas não seriam suficientes para lhe garantir a paz e a realização plena no exercer de sua profissão. A heroína finalmente constata que há uma rede de poder arduamente ajustada contra a qual ela, isoladamente, pouco pode fazer.

A questão do isolamento, aliás, é um tópico que teima em repetir-se no romance. Muito embora a protagonista tenha vínculos de sororidade significativos em seu entorno, ela não possui acesso a uma rede mais extensa de resistência. Percebe-se, particularmente no cotidiano de Alexandria, os efeitos de uma oposição feminista que já se fazia estruturada em fins do século XIX. Contudo, não se capta em seu discurso uma conexão imediata com esse movimento que justamente se propunha a combater as sublimações, as violências e depreciações lamentadas por Alex.

Sem acesso a esses coletivos de insubordinação, Alex e as mulheres de seu tempo são limitadas a impor individualmente suas revoluções cotidianas, que possibilitam conquistas em seu universo particular, mas que não possuem um efeito imediato no *status* das relações de gênero como um todo. Na ausência dessas mudanças estruturais, Alexandria então compreende a importância de suas insurreições diárias para ao menos reverter algumas das consequências do que ela não consegue compreender.

É com essa convicção que a protagonista decide não acompanhar Lester King e permanece no Parque Nacional de Yellowstone. A resolução acontece em um processo conturbado no qual ela precisa sobrepor a gratidão que sente pelo amigo, bem como as expectativas que ela e seus pais possuíam sobre um futuro relacionamento com Lester.

Também neste romance fica posta a noção de que a escolha pela ciência invariavelmente implica o pagamento de um preço pelas estudiosas da modernidade. Em boa parte dos casos, essa dívida vem na forma de uma existência desacompanhada, sem muitas oportunidades de vivenciar a afetividade. Ainda assim, Alex fita a emancipação como um movimento necessário na pavimentação de sua felicidade individual:

É com uma mescla de sentimentos que informo ter também declarado minha própria independência. [...]

[...]

[...] eu preciso da minha liberdade - explorar, observar, experimentar o mundo natural, um mundo que apresenta inúmeras possibilidades quando abrimos nossos olhos para ele. E também necessito de uma oportunidade de evoluir para a cientista que sei que posso me tornar. Certamente não posso me limitar à opinião de um homem acerca de como e quando devo ver o mundo. Talvez eu não saiba qual caminho irei seguir nos próximos meses, mas sei com certeza que não estou disposta a recuar para uma estrada que conheço tão bem. Pelo menos ainda não. [...] não posso ser discípula de Lester para sempre (SMITH, 1999, p. 137-138, tradução minha).^{xv}

Essa aspiração de deixar a posição de aluna em relação à figura masculina pode ser compreendida como mais uma tentativa de Alexandria de abandonar a máscara subserviente da feminilidade imposta por seus pares do sexo oposto. De certo modo, nota-se a convicção da protagonista acerca de seu potencial e da capacidade de equiparar-se a pesquisadores homens.

Essa segurança, contudo, não impede que ela sinta a necessidade desse mesmo reconhecimento por parte de seus companheiros. Não é suficiente que ela se sinta igual, é também preciso que seus antigos ou pretensos professores a enxerguem em uma posição ao lado e não mais abaixo. É essa meta que Bartram estabelece ao falar de Howard Merriam em carta direcionada aos pais:

Embora eu e o professor tenhamos tido discordâncias, a cada dia aprendo a admirar a visão de mundo dele, da mesma forma que acredito que ele está começando a admirar a minha. Só espero que até o final do verão ele tenha aprendido a me aceitar como colega e talvez até como amiga. Talvez então ele possa me ver, não por quem ou o que ele esperava que eu fosse, mas por quem eu realmente sou. Se e quando isso acontecer, terei me sucedido aqui para além dos meus sonhos mais ousados (SMITH, 1999, p. 145, tradução minha).^{xvi}

O anseio de Alexandria revela na superfície do enredo uma preocupação vigente até os tempos atuais. A luta pela igualdade de gênero, mesmo que no contexto individual e restrito da protagonista do romance, precisa da adesão de pessoas do sexo masculino, da mesma forma que conta com a disposição e luta das mulheres. Partindo do pressuposto de que o movimento feminista almeja a instituição de justiça e igualdade entre os sexos, esse objetivo não consegue se efetivar sem a participação do lado que historicamente exerce o domínio nas relações de gênero.

É preciso ressaltar que uma participação masculina nessas pautas com a mesma intensidade da atuação das mulheres talvez seja inviável. Quando se toma o contexto do romance, é perceptível o alheamento das figuras masculinas aos percalços e ao desconsolo que envolvem as mulheres oitocentistas em suas corajosas buscas pelo saber. Deve-se reconhecer que até mesmo o esforço de manifestar empatia em alguns desses personagens homens é limitado pelas crenças emergidas em suas experiências de privilégio.

Apesar dessas restrições, é notável o relevo da atuação masculina na determinação dos sucessos e dos fracassos da protagonista desse romance contemporâneo de língua inglesa.

Transparecendo a consciência sobre essa influência, Alexandria apela para os sentidos de justiça e boa vontade que Howard Merriam aparenta possuir.

Como se sabe, aos poucos Merriam dá a Bartram a oportunidade de comprovar sua capacidade, reconhece a sua imprescindibilidade para o sucesso da pesquisa e fornece o apoio necessário para que ela obtenha um emprego na universidade. Logo, embora o êxito da protagonista esteja fundamentado em seus próprios esforços, as pontes estabelecidas pela autoridade masculina de Howard são o impulso decisivo na concretização desse triunfo.

Assim, apesar de não se tratar de um cenário de ampla divulgação e tampouco aceitação da política feminista, as ações pontuais de Howard indicam uma tendência pró-feminista. Destaco que esse conceito manifesto de maneira apenas embrionária é justamente o auxílio que mulheres como Alex buscam para se afirmar no mercado de trabalho. Na definição de Daniel Matias (2008), homens pró-feministas são:

Homens, investigadores ou não, que procuram refletir sobre a sua atividade (militante, intelectual ou social) numa perspectiva crítica do androcentrismo, próxima do pensamento feminista; homens que, pela sua atividade, revelam a dominação masculina e participam na sua erradicação de forma efetiva; os homens pró-feministas são assim homens que apoiam as mulheres na sua luta por igualdade e liberdade (MATIAS, 2008, p.14).

Essa atmosfera progressivamente favorável, na companhia de um homem com potencial pró-feminista, concede a Alexandria a confiança de que havia feito uma escolha plausível e sensata ao optar por sua profissão. Aos poucos os colegas da expedição passam a ser considerados membros de sua própria família e ela adquire um reconhecimento nunca antes experimentado dentro dos muros da universidade.

A consagração desse novo espaço galgado pela heroína no âmbito científico ocorre em uma cena na qual o acampamento dos pesquisadores em Yellowstone é destruído por um incêndio acidental. Uma vez que Howard estava ausente do local durante o incidente, Bartram torna-se uma das responsáveis por combater o fogo devastador. Nesse episódio, é simbólica a passagem em que a saia de Alex pega fogo e a protagonista instantaneamente a retira batendo ferozmente a vestimenta contra o chão e outros focos de incêndio próximos.

A saia em chamas nas suas mãos torna-se uma metáfora não apenas de seu contínuo abandono das convenções sociais, mas também da força que ela adicionava ao grupo de pesquisa independentemente de seu sexo. É com uma indumentária feminina – confeccionada para indicar a delicadeza e o pudor de quem a veste – que Alexandria luta contra a maior ameaça já imposta à sua vida e ao seu trabalho.

O incêndio destrói completamente os espécimes que os pesquisadores haviam coletado durante a expedição, mas, a consolidação de Alex como eixo de sustentação da expedição de Howard confirma-se mesmo após esse desastre. Graças à cautela da protagonista, o trabalho científico não é desperdiçado (a heroína havia tomado o cuidado de enviar amostras duplicadas das plantas coletadas para a universidade). Seu ato de destreza e responsabilidade é resumido na constatação do aliviado colega Peacock: “Percebam. [...] Uma cientista de verdade” (SMITH, 1999, p. 218, tradução minha).^{xvii}

Considerações Finais:

Com essa última fala, proferida diante de todos os membros da expedição, acreditamos não haver dúvidas do estágio transgressor alcançado pela protagonista de *Cartas de Yellowstone*. Alexandria Bartram não é só uma mulher dos oitocentos que, contra a reprovação social decide fazer ciência. A pesquisadora também se singulariza ao optar pelo estudo de campo, pela experiência pulsante do conhecimento que foge dos laboratórios e que

quer ser encontrada no mundo natural. Ainda, a heroína corrobora a atmosfera ideal do romance ao receber o reconhecimento institucionalizado.

Todas essas violações nas estruturas de gênero, no entanto, não impedem Diane Smith de também incluir em sua narrativa arestas que, ontem e hoje, precisam ser aparadas no caminho que leva à igualdade de gênero. Alex é formalmente vinculada como pesquisadora da Faculdade Agrícola do Estado de Montana, mas isso somente ocorre quando William Gleick, um dos membros da instituição, manifesta o desejo de deixar o cargo. Vale pontuar que Bartram inicia suas atividades com um salário inferior ao do anterior ocupante da função.

Outro ponto que ecoa ao decorrer do romance e que se fixa como provocação em seu final é o tom cartesiano, polarizador e profundamente colonialista da ciência em que Alexandria é formada. Sendo mulher e tendo transposto incontáveis preconceitos para exercer sua profissão, ela leva um tempo considerável para perceber que a certeza metodológica que aprendera na universidade e que tentava aplicar no mundo natural era excludente e ilusória. Felizmente, as transformações que invadem o corpo-mente de Alex quando ela embarca em sua experiência inédita também provocam nela uma outra percepção sobre o saber.

Isso posto, acreditamos ser coerente pensar que esse despertar de Alexandria é a forma maior de incitar a reflexão do leitor (e especialmente da leitora) sobre o peso das heranças culturais na estruturação das relações de gênero. A mensagem envolvida na profundidade passada do romance é a mesma que paira nas discussões sobre ciência e sexismo contemporâneas: não é possível pensar o saber sem considerar as hierarquias de poder (inclusive sexuais) que o envolvem. Da mesma forma, não se inaugura a emancipação pelo conhecimento enquanto as linhas do pensamento sustentado pelo dominado forem filiadas ao do dominador. Ao final, Alexandria esquiva-se dos traços mais espessos dessa colonização cognitiva e isso a constitui como uma possível expressão dos trajetos a serem tomados para uma ciência, desgenderada, ou seja, feita também para as mulheres.

STUDENT NO MORE: SCIENCE AND THE NEW WOMAN IN *LETTERS FROM YELLOWSTONE LETTERS*, BY DAIANE SMITH

ABSTRACT: This study investigates the relationship between the New Woman concept and the ideal of science within Diane Smith's novel *Letters from Yellowstone*. Highlighting the novel's revisionism, we seek to present how the plot's plural social perspectives influence the vision that the protagonist holds of herself and of women's condition in science.

Keywords: Female authorship. New Woman. Gender. Science.

Notas explicativas:

ⁱ No original: "in order to reclaim her place in language" / "must play with the tradition that has excluded her, her goal being to reveal, by means of playful repetition, her place both within and outside of the tradition".

ⁱⁱ No original: "They were professionally trained, career and role conscious, and usually self-supporting for a major part or all of their lives. They represented a new generation of American women, independent from male control and as likely to be assisting as receiving help from their families from whom they frequently lived apart. They organized their lives in patterns similar to those of single professional women today.

ⁱⁱⁱ No original: "Although I have studied medicine during my tenure, I prefer the study of botany over anything else. I have a personal collection of over 5,000 specimens [...] For the last three years I have summered in Philadelphia studying the Lewis expedition, and have initiated an illustrated documentation of their collection [...].

[...] I am young, single, and without any engagement to confine me here.”

^{iv} No original: She was certainly not dressed for the scientific life, nor for adventuring for that matter. Compared to me, with my now ragged and filthy field clothes, she looked positively radiant, with her suit of pale blue serge, not unlike the color of a bird’s egg in spring. Her shirtwaist was starched and prim, her thick brown hair, softened by threads of grey, neatly pinned. Another smile crinkled her face, her head dipped into her shoulders, and she returned her gaze to the trees.”

^v No original: “Oh, a scientist,” she sighed, now clasping her hands as if to quiet them. “How I do admire you. I have always wanted to be a scientist, but,” [...] “I’m really just a dabbler. What you might refer to as a nature lover. I suppose. And now, ever since my husband died, I guess I’m also a bit of adventuress [...]”

^{vi} No original: “Unsure of my own womanhood, but outspokenly confident of everything else, including my future.”

^{vii} No original: “Mrs. Aber is about my age, although she seems much younger, almost like a child in spite of her striking beauty. She stands perfectly tall, with a long neck and thick, black hair which only serves to accentuate the paleness of her complexion and the darkness of her eyes. I would say that she looks like a doll, but she is much too fragile for that description. She is so delicate that she appears to need the arm of a man just to walk from one side of the room to the other.”

^{viii} No original: “But, Jessie, can you imagine? How could anyone live with those fears? She is like a property, to be stolen by any man who wishes to claim her. But when I consider the young women travelling with Miss Zwinger, many of whom will be, when it comes right down to it, purchased by the highest bidder, I cannot pass judgment on Sara and her kind. [...] Native people may live in a different world from ours, but it is not an inferior one. I admit that I have been quick to condemn Joseph for what I have perceived to be his primitive beliefs, but he and his wife are not savages, as their detractors would have us believe. Or at least they are no more savage in their world than we are in ours.”

^{ix} No original: [...] marriage for me now would limit my ability to explore all the rich new possibilities that are awaiting for me and my new career. And children, as blessed as they would be, would steal that part of my future away. If I have learned anything from my conversation with Sara, and my extended stay here in the Park, it is that women can and should take charge of their lives. Sara has done so by removing herself from the traditions of her tribe. I intend to learn from her wisdom and remove myself, at least for the time being, from the traditions of mine.

^x No original: I will write to you and my family to let you know what lies ahead. You must travel west, as Thoreau once advised, and experience my new world for yourself as soon as you possibly can. I am more confident than ever that it will be rapture, Jessie. Pure rapture.

^{xi} No original: “As I entered the deep, cool pocket carved by the cascading water, my adventuresome spirit got the best of me and I promptly climbed out the rocks, letting the icy water fall and splash all around me. I then did something that I am certain, if Lester learned of it, would confirm his worst suspicions about what he considers the anti-social behavior I have developed here. I removed my jacket and skirt and shirtwaist and laid them upon a rock to dry. I then loosened my hair and laid myself out, too, in a narrow patch of sunlight, closed my eyes, and listened to the living, breathing world which roared and pulsed and crashed down all around me.”

^{xii} No original: “‘I know....,’[...] ‘that your friend, Professor King, is here to persuade you to return with him. As difficult as this is for me, I feel that it is my duty to tell you that it would be best for all concerned if you returned home in his company.’

He pressed my hand softly and shrugged. I could feel the color rising in my cheeks.

‘I appreciate your concern,’ I said, and abruptly withdrew my hand. ‘But if truth be known, you’ve never wanted me here, have you?’”

^{xiii} No original: “I hardly recognized myself. It was not the dress, although it certainly made the changes that much more striking. It was more that my body, in the short time I have been in the Park, has changed. I have always seen myself as a girl. Or if not a girl, at least a young woman, with all the plumpness and vulnerability that comes with being that age. But now there is not a trace of that childhood softness. My arms and upper chest, just barely covered by the small gathers of the sleeves, are firm and golden. My hair, too, in spite of its unkempt condition, has changed dramatically, and is now streaked with yellow, I have spent so many hours in the sun. I

could not stop staring at myself, I was so transformed. In fact, I finally had to reach and touch my reflection, just to reassure myself that it was indeed me, and not another one of Miss Zwinger's conjuring tricks."

^{xiv} No original: "Jessie, why is it that some men in this world so despise women? What have we ever done to them as a sex that makes them feel they must dominate and suppress our good natures and willingness to contribute equally to the world? Why do they feel the need to demean us, belittle us, make us fear for our lives? These questions haunt me but not being the questions of science, I fear they will never be answered by the likes of me."

^{xv} No original: "It is with mixed emotions that I report that I, too, have declared my own independence. [...] I need my freedom – to explore, to observe, to experience the natural world, a world rich with possibilities if only we open our eyes to it. And an opportunity to develop into the scientist I know I can become. I certainly cannot limit myself to one man's vision of how and when I should see the world. I may not know which road I will follow in the months ahead, but I know for certain I am not willing to retreat along a path I know so well. [...] I cannot be *Lester's* student forever."

^{xvi} No original: "Although the Professor and I have had our disagreements, each day I learn to appreciate his world view, as I believe he is beginning to appreciate mine. I can only hope that by the end of the summer he will have learned to accept me as a colleague, and maybe even as a friend. Perhaps then he can see me, not for who or what he hoped I would be, but for who I truly am. If and when that happens, I will have succeeded here beyond my wildest dreams."

^{xvii} No original: "See. [...] A real scientist."

Referências

ALCOFF, L; POTTER, E. Introduction: When feminisms intersect epistemology. *In*: ALCOFF, L; POTTER, E. (eds.). *Feminist epistemologies*. New York: Routledge, 1993. p. 1-14.

BACON, F. *Novum organum*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BORDIN, Ruth Birgitta Anderson. *Alice Freeman Palmer: the evolution of a new woman*. Ann Arbor: University of Michigan, 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HALL, STUART. *Cultura e representação*. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LAPPAS, Catherine. *Rewriting fairy tales: transformation as feminist practice in the nineteenth and twentieth centuries*. 1995. Tese (Doutorado em Inglês) – Saint Louis University, St. Louis, Missouri, 1995.

MATIAS, Daniel Felipe Mendes. *Narrativas de homens feministas portugueses*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. Tradução Ana Cecília Carvalho e Esther Carvalho. *Psyche*, São Paulo, v.9, n.16, p. 13-24, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 78, p. 3-46, out. 2007.

SMITH, Diane. *Letters from Yellowstone*. New York: Penguin, 1999.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Data de submissão: 28/09/2020.

Data de aceite: 12/11/2020.